

O TRABALHO DO PIBID EDUCAÇÃO DO CAMPO NA ESCOLA INDÍGENA DE EDUCAÇÃO BÁSICA TEKÓÁ MARANGATU, IMARUÍ – SANTA CATARINA

Andreia Bolantim Mariano¹

Roberto Antônio Finatto²

Carolina Orquiza Chermem³

RESUMO

Este texto tem como objetivo apresentar o trabalho do núcleo de Educação do Campo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) na Escola Indígena de Educação Básica Tekoá Marangatu, localizada na aldeia Tekoá Marangatu, município de Imaruí – Santa Catarina. A aldeia é formada por aproximadamente 200 indígenas da etnia Guarani *Mbya* que tem na venda do artesanato e no trabalho na área da educação e da saúde as principais fontes de renda. A escola Tekoá Marangatu oferta diferentes níveis de ensino, da educação infantil até o Ensino Médio, incluindo curso de Magistério. O ensino é desenvolvido em conjunto com as lideranças, anciãos, pais, professores e alunos da comunidade, sendo direcionado para as necessidades de cada aluno e da escola em geral, assegurando, como garantido em lei, o trabalho com a cultura indígena e, também, o acesso aos conhecimentos dos não indígenas. É importante destacar a participação dos anciãos, pois é algo fundamental para a cultura *Mbya*. Assim, valoriza-se a interculturalidade por meio da promoção da igualdade e do respeito entre as culturas e do diálogo entre os saberes. É neste contexto que o PIBID se insere, enquanto resultado da oferta de uma turma do curso de Licenciatura em Educação do Campo no município. O projeto contribui para a formação de professores indígenas da comunidade por meio da realização de atividades de valorização sociocultural, de reconhecimento e sistematização de saberes locais, da produção de materiais didáticos, além de contribuir para promover a convivência entre os educadores indígenas e não indígenas. Assim, a escola ocupa um lugar de expressão cultural do povo adquirindo um sentido de trabalho coletivo. Busca-se, portanto, com o PIBID – Educação do Campo, fortalecer a cultura, a língua e a história dos povos Guarani.

Palavras-chave: Educação do Campo, Educação Indígena, Escola indígena, Guarani *Mbya*.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo apresentar o trabalho do núcleo de Educação do Campo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, andreiabolantim16@gmail.com.

² Professor da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Curso de Licenciatura em Educação do Campo, roberto.finatto@ufsc.br. Coordenador de área do PIBID.

³ Professora da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Curso de Licenciatura em Educação do Campo, carolina.chermem@ufsc.com. Coordenadora de área do PIBID.



de Santa Catarina (UFSC) na Escola Indígena de Educação Básica Tekoá Marangatu, localizada na aldeia Tekoá Marangatu, município de Imaruá – Santa Catarina.

A aldeia Tekoá Marangatu foi criada em 1999, em uma área de 74,6 hectares, sendo a terra comprada com recursos das medidas compensatórias pela construção da BR-101 e do gasoduto Brasil-Bolívia. No mês de novembro de 1999 algumas famílias de outra comunidade chamada Massiambu se mudaram para o novo espaço Tekoá Marangatu. O nome da comunidade foi dado pela xejaryi Maria da Silva Guimarães, ela foi umas das primeiras pessoas a chegar no novo local, ao todo, foram 139 pessoas que chegaram na comunidade para dar início à construção da aldeia (Antunes *et al.*, 2011).

Atualmente, a aldeia é formada por aproximadamente 200 indígenas da etnia Guarani *Mbya* que tem na venda do artesanato e no trabalho na área da educação e da saúde as principais fontes de renda. A escola da aldeia oferta diferentes níveis de ensino, da educação infantil até o Ensino Médio, incluindo curso de Magistério. O ensino é desenvolvido em conjunto com as lideranças, anciãos, pais, professores e alunos da comunidade, assegurando, como garantido em lei, o trabalho com a cultura indígena e, também, o acesso aos conhecimentos dos não indígenas.

O trabalho do PIBID neste território é resultado da oferta de uma turma do curso de Licenciatura em Educação do Campo (Ciências da Natureza e Matemática) no município de Imaruá. Os egressos do curso poderão ministrar aulas de Matemática e Ciências no Ensino Fundamental e de Matemática, Biologia, Química e Física no Ensino Médio. Como as aulas do curso ocorrem no município, foi possível a participação de quatro estudantes indígenas da Tekoá Marangatu. Essas estudantes são bolsistas do PIBID e contribuíram na escrita deste texto.

Diante deste contexto espera-se, por meio do PIBID, desenvolver um conjunto de ações respeitando a cultura e a ancestralidade Guarani *Mbya* e, assim, contribuir com a formação acadêmica das estudantes bolsistas e com o ensino na Escola Indígena de Educação Básica Tekoá Marangatu, como apresentado na sequência.

METODOLOGIA

Este texto se constitui em um relato de experiência das práticas desenvolvidas no PIBID, portanto, a metodologia pauta-se na apresentação e análise das ações planejadas e em curso pelas estudantes, professores, supervisores e lideranças da comunidade. Trata-se de um



texto elaborado pelos sujeitos que participam dos processos apresentados, dessa forma, o diário de campo e as observações são a base metodológica para a sua elaboração.

As atividades desenvolvidas envolvem ações de ensino, pesquisa e extensão. Elas se pautam no planejamento, na produção de entendimentos e consensos coletivos entre a escola e a comunidade, na sistematização de dados da realidade e na sua aplicação para um objetivo comum: contribuir com a formação de professores em Educação do Campo e, ao mesmo tempo, desenvolver práticas que valorizam a cultura Guarani *Mbya* e contribuam com a educação escolar indígena.

É esse o contexto que também aporta princípios da pesquisa-ação ao trabalho, conforme Thiollent (2011). Busca-se, pelo trabalho coletivo, contribuir para a solução de problemáticas e questões concretas da vida, como apresentado no decorrer do texto.

A EDUCAÇÃO DO CAMPO E A EDUCAÇÃO INDÍGENA

A Educação do Campo é uma modalidade de ensino destinada aos espaços rurais para as famílias que vivem do trabalho na terra. Mas ela abrange também os povos das águas e das florestas, ou seja, sujeitos que tem na relação direta com a natureza as suas formas de existência. Nesse sentido, é necessário promover uma educação voltada para essas realidades, acessando e produzindo conhecimento para a melhoria da vida nos diferentes territórios.

Assim, a Educação do Campo, como prática social ainda em processo de constituição histórica (Caldart, 2012), se estrutura a partir das disputas e enfrentamentos necessários, inclusive na esfera das políticas públicas, para garantir o acesso à educação nos territórios de vida dos sujeitos. Estão em disputa distintos e conflitantes projetos de sociedade, cosmovisões, concepções de mundo e de educação, uma vez que o modelo hegemônico não considera as especificidades de todos os povos.

Assim, os sujeitos do campo, das águas e das florestas buscam garantir, dentro e fora da escola, que o seu entendimento de mundo e as suas formas de produzir a vida sejam respeitados. É com esse propósito que a cultura, os conhecimentos tradicionais, as vivências, a Agroecologia, entre outros princípios, são indissociáveis da concepção de educação, inclusive da educação escolar.

Neste contexto, a “educação guarani [...] confere a cada ação humana a problematização da sustentabilidade da vida, buscando descartar o supérfluo e fortalecendo o toque, o sensível, o racional, a expressão, nutrição, o prazer, um convite para viver a cultura e a natureza como



uma integração possível” (Menezes, 2012, p.124). A educação indígena é mais ampla do que a educação escolar indígena, embora elas estejam relacionadas e, diante das urgências da vida indígena no tempo presente, sejam complementares.

A educação na Tekoá Marangatu acontece em coletivo, o modo de convivência, as partilhas do dia a dia, tudo isso leva a uma educação que integra e considera desde as crianças até os mais velhos. Diante disso, temos a participação fundamental dos anciãos, dos mais velhos. O trabalho em conjunto com a comunidade faz parte dessa formação da educação indígena. Não podemos deixar de mencionar que a primeira “escola” do *Mbya* Guarani é a Opy (Casa de reza) (Foto 01), um espaço onde acontecem os encontros com toda a comunidade, com a participação dos mais velhos, trazendo uma conversa com os jovens com grandes ensinamentos.

Foto 01: Opy na aldeia Tekoa Marangatu – Imaruí



Fonte: autores (2024)

A Opy existe desde o princípio da vida Guarani, é a centralidade do povo *Mbya* Guarani, a primeira “escola”. Ali acontecem os encontros com a comunidade e os professores são os mais velhos. Neste lugar, os mais jovens recebem os conselhos dos mais velhos, de como devem seguir um bom caminho e sobre as relações de obediência aos seus pais e a todas as demais pessoas.

A educação escolar indígena acontece atualmente com um trabalho em conjunto entre a comunidade, a Opy e a escola (nos moldes do não indígena) e ela possui vários objetivos. Desde a fundação da escola Tekoá Marangatu já havia um propósito de ajudar e incentivar os jovens a ter um conhecimento maior, pois é uma das nossas necessidades, assim como nossas lutas por resistência cultural. Existem leis que garantem nossos direitos como povos originários onde muitas pessoas indígenas desconhecem por falta de estudo das mesmas.



Além de nossas lutas, temos uma parceria, podemos dizer assim, junto à escola, pois ela é de grande ajuda para os jovens, como uma preparação para a faculdade, por exemplo, onde a partir disso leva os alunos a ter os conhecimentos para lutar pelos direitos indígenas e pela preservação cultural. Toda essa questão de educação indígena e educação escolar indígena se resume em costumes e na preservação de identidade cultural, sempre em busca de aprendizagens voltadas para a nossa realidade.

Portanto, podemos fazer essa relação com a Educação do Campo, pois, da mesma forma, quem está no contexto da Educação do Campo também almeja por conhecimentos que considerem as suas realidades e os seus objetivos.

A Escola Indígena de Educação Básica Tekoá Marangatu foi inaugurada em setembro de 2002 e iniciou suas atividades em março de 2003 (EITM, 2024). Segundo o Projeto Político Pedagógico da Escola:

[...] desde o primeiro ano de fundação da aldeia, já se fazia a necessidade da escola para crianças, porque havia esperança nos pais de que seus filhos aprendessem a ler e escrever na Língua Portuguesa e na Língua Materna, para que futuramente a resistência Guarani se fortaleça, não só através do Guarani, mas também por ser conhecedor da sua própria cultura, dos seus direitos e das culturas de diferentes povos indígenas e não indígenas (EITM, 2024, p.07).

Atualmente, a escola contém sete salas de aula, uma sala de informática, uma sala dos professores, uma sala da direção, uma biblioteca, um refeitório, uma cozinha, três banheiros (feminino e masculino, outro para quem possuir alguma deficiência), dois depósitos (para a merenda escolar e para produtos de higiene) e uma sala de estudo. Conta com um número de 41 funcionários, sendo 03 merendeiras, 01 na limpeza, 13 professores não indígenas e 24 professores indígenas. A escola conta ainda com um pátio com parque para as crianças brincarem e uma quadra de esporte para brincadeiras e atividades (Foto 02).

Foto 02: Escola Indígena de Educação Básica Tekoá Marangatu



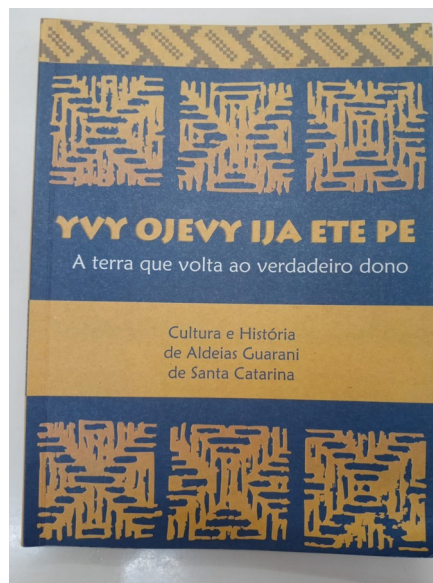


Fonte: autores (2025)

O trabalho em sala de aula acontece com o professor não indígena e o professor indígena (como bilíngue). Na Creche I só tem professores indígenas trabalhando com as crianças, por motivos de preservação da língua materna *Mbya* Guarani. O mesmo acontece do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, o professor não indígena e o professor indígena fazem um trabalho em conjunto para que os alunos adquiram conhecimentos sem deixar os seus costumes, principalmente em relação à língua materna.

A escola possui materiais na língua Guarani *Mbya* e alguns livros sobre a história e a cultura indígena. Um dos exemplos é o livro intitulado *Yvy Ojevy Ija Ete Pe - A terra que volta ao verdadeiro dono*, de 2011, com autores indígenas (Foto 03).

Foto 03: Livro sobre a cultura e a história de aldeias Guarani em Santa Catarina



Fonte: autores (2025)



Este livro tem como objetivo contar um pouco da vida passada e presente do povo Mbya Guarani. Os textos foram elaborados por professores indígenas Guarani de diferentes aldeias. Em relação à educação Guarani destacamos um trecho que ilustra tanto os seus fundamentos quanto o impacto com o mundo dos juruás (não indígenas):

Sobre a educação, podemos dizer que o ensino no povo Guarani sempre existiu. Os pais ensinavam os seus filhos para se tornarem guerreiros, para saberem pescar, caçar, lutar. Ensinavam todas as artes da sobrevivência como guarani. A educação se baseava na nossa religião. A qual não permitia mentir, enganar, ser agressivo, conversar muito, comer muito, dormir muito tarde e levantar muito tarde. Hoje em dia está ficando mais difícil educar nossos filhos como antigamente, porque desde crianças eles vão para a escola com sistema de juruá e fica fora do nosso alcance. Muitas vezes eles aprendem ao contrário do que os pais ensinam em casa. Eles já conversam muito entre os coleguinhas, se zangam e batem nos amiguinhos, não querem mais ouvir os pais falarem porque acham que é mentira. (Antunes *et al.*, 2011, p. 41-42).

A partir desse pequeno trecho do livro pode-se perceber algumas das muitas mudanças que aconteceram e acontecem nos dias de hoje na vida do povo Guarani. Essas mudanças ocorrem de várias formas, desde a chegada dos não indígenas em nosso território brasileiro, desde o físico até o espiritual. Nesse caso, queremos falar um pouco dessa questão citada acima, essa interferência, podemos dizer assim, hoje, por exemplo, temos vários visitantes não indígenas que vem na comunidade, como os professores que atualmente trabalham na escola. Ao mesmo tempo em que trazem benefícios para contribuir com nossos propósitos, temos e sentimos as mudanças que ocorrem em nosso físico e espiritual, como apresentado na citação o caso das crianças estarem com um comportamento diferente do passado.

Com a participação dos professores não indígenas diariamente na escola, as crianças já ouvem frequentemente o português, ainda mais tendo a participação deles em sala de aula, por esse motivo temos somente professores indígenas na Creche I. Portanto, da mesma forma que a presença dos não indígenas contribui para ajudar, como na escola para formar alunos com mais conhecimentos relacionados às leis que garantem os direitos como povos originários, esse contato também enfraquece muito o espiritual, isso como uma questão cultural. Por esse motivo tentamos, ao máximo, manter os costumes, como as rezas ao usar o petyngua (cachimbo), os cantos do coral com as músicas Guarani e as conversas, nossos diálogos com nossos mais velhos.

O TRABALHO DO PIBID NA ESCOLA INDÍGENA TEKÓÁ MARANGATU



O trabalho do PIBID na Escola Indígena de Educação Básica Tekoá Marangatu teve início com a realização de reuniões entre os integrantes do projeto (estudantes, supervisor e coordenação do núcleo), lideranças da aldeia e representantes da escola. A reunião do início do ano de 2025 também contou com a participação do cacique da aldeia e da direção da escola (Foto 04).

As atividades iniciaram no final de 2024 marcando a aproximação do grupo com a comunidade, a escola e a sua proposta pedagógica. As primeiras ações foram de leitura e estudo do Projeto Político Pedagógico para ampliar a compreensão sobre a função da escola no contexto da educação Guarani.

Foto 04: Registro de uma das reuniões de planejamento das atividades do PIBID



Fonte: autores (2025)

Nas reuniões de planejamento ficou definido coletivamente que o trabalho do PIBID deve considerar as especificidades do território indígena e dos seus sujeitos, inclusive nos tempos e espaços necessários para o planejamento e a execução das ações. Ainda, foi considerado como um princípio orientador o trabalho com as questões culturais Guarani *Mbya*, buscando sempre o envolvimento da comunidade e da escola.

Diante disso, foi definido como uma primeira ação o desenvolvimento do projeto “Plantas do cotidiano Guarani *Mbya* na aldeia Tekoá Marangatu”. O projeto busca realizar um estudo da relação dos indígenas com as plantas, identificando as espécies presentes no seu



cotidiano e os seus diferentes usos (medicinal, culinário, espiritual, produção de artesanato, entre outros). Para a execução do projeto, está em desenvolvimento um roteiro de entrevistas com as pessoas da comunidade para que relatem os seus conhecimentos sobre as plantas, como adquiriram tal conhecimento, informações sobre como utilizam as plantas e a melhor época para a colheita. Também serão registradas histórias e situações representativas sobre as plantas para a cultura Guarani *Mbya*.

O trabalho envolverá os estudantes da escola, já que eles participarão dos diálogos e rodas de conversa onde as informações serão coletadas, mas eles também participarão ativamente das oficinas onde o tema será utilizado como base para o estudo de conteúdos curriculares e para o estudo da língua materna. O material será organizado em formato de cartilha blíngue, servindo como um material de registro, consulta e estudo para a escola, especialmente para aqueles que não participaram do projeto.

Essa ação dialoga diretamente com a área das Ciências na Natureza, área de formação do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Isso permitirá às estudantes bolsistas do PIBID articularem os conhecimentos científicos com os conhecimentos tradicionais da comunidade, reforçando o sentimento de pertencimento e orientando a sua formação acadêmica para as questões do território.

Ainda estão previstas, a depender de novos diálogos com a comunidade escolar, o desenvolvimento de ações que abordem a importância do artesanato Guarani e os conhecimentos a ele relacionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo o que estamos mencionando aqui nesse registro não deixa de ser um conhecimento para nossa caminhada e fica cada vez mais permanente em nossos pensamentos e em nossas ações que devemos sim, sempre participar, aprender coisas novas, mas sempre manter o que já tem vivo dentro de nós, nosso costume e cultura. Esse é o Nhande Reko (modo de vida Guarani), dentro desse modo de vida Guarani está a educação em geral.

Assim, o PIBID contribui para a formação de professores indígenas da comunidade por meio da realização de atividades de valorização sociocultural, de reconhecimento e sistematização de saberes locais, da produção de materiais didáticos, além de contribuir para promover a convivência entre os educadores indígenas e não indígenas.



Pelo exposto, a escola ocupa um lugar de expressão cultural do povo adquirindo um sentido de trabalho coletivo. Busca-se, portanto, com o PIBID – Educação do Campo, o fortalecimento da cultura, da língua e da história dos povos Guarani *Mbya*.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelas bolsas do PIBID; à comunidade e à escola da Tekoá Marangatu pela oportunidade de desenvolver o trabalho de iniciação à docência.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Adão Karai Tataendy; ANTUNES, Elizete Ara'i; SILVA, Marcos Antônio Djekupe Oliveira da; ANTUNES, Eunice; MOREIRA, Marcos, *et al.* (Autores). **Yvy Ojevy Ija Ete Pe - A terra que volta ao verdadeiro dono**: Cultura e história de aldeias Guarani de Santa Catarina. 2011.

CALDART, Roseli S. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli S.; PEREIRA, Isabel B.; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 259-267.

EITM. **Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena de Educação Básica Tekoá Marangatu**, 2024.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira. Educação Guarani: compartilhando saberes, construindo conhecimento. In: BERGAMASCHI, Maria A.; DALLA ZEN, Maria Isabel H.; XAVIER, Maria Luisa M. F. **Povos Indígenas & Educação**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.115-126.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

